

Taubaté, 18,7,1905

Rangel:

Andas zangado comigo e com razão, pois num momento de bilis não achei valvula para a peçonha e derramei-a toda no focinho da tua vaidade. Mas as coisas mudaram e está hoje uma lua tão bonita no céu da minha janela, e um grilo pia com tanto gosto, e faz tão bom fresco, que chego a esquecer a ferida aberta em meu orgulho e, feliz, espero conversar contigo á moda bombonesca. Essa ferida...

Fizeram-me orador do nosso Clube Recreativo, e no ultimo domingo, em sessão de posse, meti-me por um longo discurso, que me saiu uma sucessão de caroços inacreditaveis. Tamanha foi a minha vergonha que ainda hoje não posso ver, sem corar e baixar a cabeça, as infames criaturas que assistiram á catastrophe. Nunca poderás imaginar, Rangel, que horror é um desastre desses e que quantidade de nevralgias morais nos põe nos nervos do amor proprio. A artificial reputação de talentoso que com meu sabio silencio fui criando aqui, aluiu como um castelo de cartas assoprado. Sou para Taubaté, doravante, “uma forte besta”_ é o julgamento que leio em todos os olhos que me olham. Meu orgulho parece as ruínas de Pompeia. Humilhei-me. E tão humilde ando que não tenho coragem de falar do teu *Diario*. Que direito tem uma “forte besta” de andar emitindo opiniões?

Quanta razão tinha Esopo em meter a catana na lingua! No mundo dos peixes não me sobreviria tal desastre.

Mas sacudamos a ferida para um lado.

Dia 19

Interrompi esta ontem para ler a tua ultima_ e sinceramente confesso que me aborreci muito. Eu já estava arrependido de em momento de mau humor ter-te escrito aquela catilinaria, que não supus tomasses a serio. Infelizmente foi o que se deu. Voltemos atrás, amigo, e permaneçamos os dois ultimos abencerragens da velha panelinha.

“Em que te interessa a minha vida inteira?” dizes, amargo e ressentido. E eu te respondo que interessa apenas em grau logo abaixo da minha. Essa Barbara de quem vais ser, conheço-a no tanto possivel, e faz parte do meu *salon* imaginario; e o casamento que anuncias para abril enche-me de invejosa satisfação. Espero que no futuro ainda hei de chegar até aí com a minha metade pelo braço, e ouvir, na cozinha, D. Barbara ordenar á preta: “Mais dois talheres na mesa, que hoje tem visitas_ o Dr. Lobato e a senhora”.

Aquela cart, rangel, me saiu num momento de bilis preta. Num desses momentos em que um acumulo de aborrecimentosinhos exige a abertura duma torneira qualquer. Uma especie de eletricidade negra que nos entope

os acumuladores e se mete a faiscar de todos os lados. Foi num desses dias aziagos, pretos até no céu chuvoso. Deu-me um tal nojo da vida que me pus a brutaliza-la, como maridos ciumentos fazem às esposas inocentes. E não tendo a coragem dum rompimento definitivo com a vida por meio de bala nos miolos ou enforcamento na ceroula, brutalizei com mão nervosa a meia duzia de laços fortes que a ela me prendem, justamente os mais queridos e mais proximos. Um deles foi a minha maior amiga daqui, a Dona Edel do *Lambeferas*. Outro foi a minha namorada de S. Paulo. Outro foi você, Homem Sensível de Moura Rangel! Elas me perdoaram e tu, que és o unico Ele do bando, demoras em fazer o mesmo! Quero que queimes a tal carta e lances a cinza aos ventos, como Pedro Arbues fazia com a dos hereticos que torrava. Espero uma resposta que me tire da alma o peso deste remorso de Caim. E depois continuaremos, *bras dessus, bras dessous*, pelo macadam da vida afora, conversando nestas cartas que já duram mais de um ano.

Do teu lamentavel

LOBATO